



Nós da Rede

Ano II | Número 2 | Rio de Janeiro | Setembro | 2018

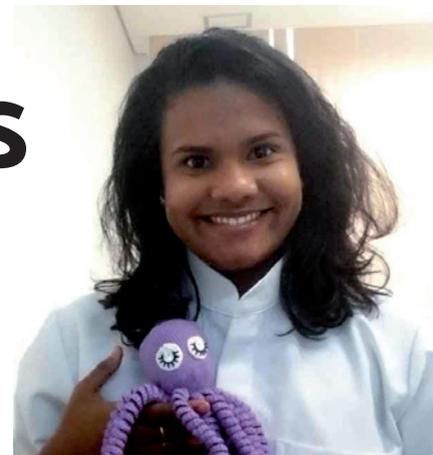
Um Brasil Latino-Americano

Projeto da E.M. André Urani valoriza a cultura regional e a igualdade de gênero. Pág. 4



Memórias afetivas

A farmacêutica Isabella do Vale de Souza, ex-aluna da Rede, revela suas lembranças do tempo escolar. Pág. 8



Entre conceitos e métodos

Letícia Cruz reflete sobre o uso de textos no processo de alfabetização. Pág. 12



Antes tarde do que nunca!



Pitacos da D. Aurora

Editorial

Lilian Ferreira

Finalmente chegamos à segunda edição do jornal NÓS DA REDE! Nesse período, o Conselho Consultivo reuniu-se algumas vezes para analisar a repercussão da primeira edição, bem como para amadurecer o conceito do jornal, que passa, a partir desta edição, a contar com a contribuição de outros atores envolvidos no dia a dia de nossas escolas.

Nesta segunda edição, há destaque especial para as

mulheres, começando pelo relato de experiências da E.M. André Urani, que deu continuidade ao projeto Um Brasil Latino-Americano, com o tema As Mulheres na América Latina, desencadeando um trabalho interdisciplinar que envolveu a comunidade escolar da Rocinha, com a finalidade de incitar olhares múltiplos sobre a presença da mulher latino-americana, bem como sua atuação nos cenários social, econômico, político e cultural.

Em Perfil, uma viagem ao início do século XX apresenta um pouco da

história profissional inovadora da professora Celina Guimarães Vianna e de como ela conquistou seu direito ao voto. Conheça, também, a memória da Rede por meio da voz de uma ex-aluna, atualmente com 25 anos, farmacêutica, formada pela UFRJ.

O que educação inclusiva tem a ver com a formação do professor? Para incrementar essa reflexão e esse debate, a edição traz à tona dois importantes desafios. Sobre ambos, um questionamento em comum: utopia ou realidade? E diante das dúvidas em relação à me-

lhor forma de se iniciar o processo de alfabetização, como pode funcionar a prática de uma alfabetização com textos?

Em Opinião, a proposta *Vamos falar de preconceito linguístico?* vai ao encontro do texto *Professor, coletaram o meu lápis!*, que relata a percepção de um professor diante do que ele chama de “fábrica de neologismos”.

E quem não tem sua listagem de filmes para assistir a vida inteira? Dois professores brindaram esta edição com suas dicas de filmes atemporais e imperdíveis para ver e rever. Confira, ainda, na

seção cultural, a resenha do livro *Que emoção! Que emoção?*, obra que interroga o leitor sobre o que são emoções e de que forma podemos lidar com elas.

E para a próxima edição, quem sabe o seu texto não alcança também toda a Rede? Compartilhe a sua opinião, sua crônica, poemas e memórias. Junte-se você também ao NÓS DA REDE.

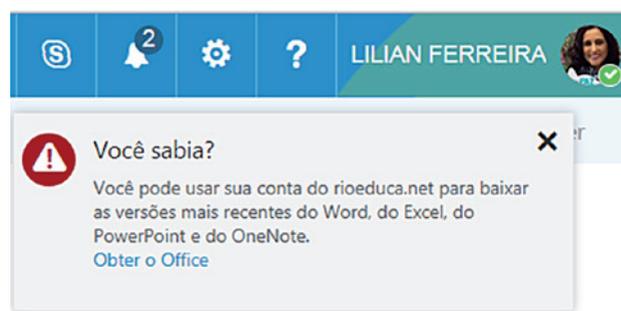
Lilian Ferreira é PEF e PI de Língua Portuguesa e atua como coordenadora pedagógica da E.M. Compositor Luiz Gonzaga – 7ª CRE.

#professor

E-mail Rioeduca - Muito além de um correio eletrônico

Lilian Ferreira

Baixar ou atualizar o pacote Office da Microsoft – Oportunidade de baixar gratuitamente o pacote Office da Microsoft (Word, Excel, PowerPoint e OneNote) para o seu computador ou atualizá-lo para a versão mais recente – exceto em máquinas Mac. Isso é simples. Logo que acessar seu e-mail, clique no ícone do sino, responsável por sinalizar notificações. Uma das notificações possíveis é a disponibilidade de download. Basta seguir todos os passos até chegar à opção “instalar software”.



Criar grupos e facilitar a comunicação por afinidades

– Por meio da caixa de entrada do e-mail, com o apoio da opção “Grupos”, localizada no canto esquerdo, é possível a criação de grupos. Você pode criar, por exemplo, um grupo somente para os professores da escola em que trabalha, ou apenas para professores com quem queira trocar experiências ou com quem tenha qualquer tipo

de afinidade. Esse grupo pode ser fechado ou aberto a outros membros, conforme uma configuração rápida e fácil feita pelo próprio usuário. Além disso, poderá pesquisar grupos já existentes e solicitar inclusão.

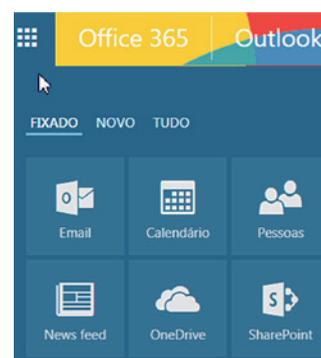
Acessar uma variedade de aplicativos de forma intuitiva

– O e-mail Rioeduca possui aplicativos que irão facilitar sua vida, armazenando informações que poderão ser acessadas por qualquer máquina em que você esteja logado com sua conta.

Para navegar por esse universo, basta clicar sobre o pequeno quadriculado no canto esquerdo de seu e-mail. Alguns desses aplicativos apresentarão um tutorial ao serem acessados pela primeira vez, descomplicando a utiliza-

Ao acessar o e-mail Rioeduca, você estará diante de um leque de funcionalidades. Veja algumas delas:

ção até mesmo para usuários mais receosos frente a novas tecnologias.



Criar salas de aula colaborativas

– Por meio da plataforma Teams, é possível criar salas de aula colaborativas ou, ainda, conectar-se a comunidades de aprendizagem ou de comunicação com a equipe da escola ou de fora dela, em uma única experiência.

Criar um site para divulgar seu trabalho ou até mesmo ideias e pensamentos – Há dois aplicativos que possibilitam

a criação de sites: o SharePoint, que permite uma criação simples, mas bastante prática e funcional; e o Sway, que propicia um design muito mais profissional e moderno.

Fazer parte da rede social Yammer

– Um dos melhores aplicativos é o Yammer. Trata-se de uma rede social corporativa. Para nós, é como uma grande sala de professores em forma de Facebook. Nesse aplicativo, é possível publicar, curtir e comentar postagens e também participar de grupos por áreas de interesse. Sendo assim, que tal nos encontrarmos e trocarmos muito mais ideias por lá?

Lilian Ferreira, PEF e PI de Língua Portuguesa, atuamente coordenadora pedagógica da E.M. Compositor Luiz Gonzaga (7ª CRE).

Expediente

Marcelo Crivella

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

Talma Romero Suane

Secretária Municipal de Educação – SME

Caique Botkay

Diretor-Presidente da Empresa Municipal de Mídia – MultiRio

Conselho Deliberativo

Simone Monteiro (MultiRio); Lysbeth Libonati (MultiRio); Camila Marchon (8ª CRE)

Conselho Consultivo

Renata Silva Dias (1ª CRE); Magaly Peres (3ª CRE); Paulo Ney Cinelli Luzes (4ª CRE); Liliane Ravani (5ª CRE); Márcia Elisa

Lopes Silveira Rendeiro

(6ª CRE); Paulo Jorge dos Santos Fleury (7ª CRE); Camila Marchon (8ª CRE); Denise Resende (9ª CRE); Vanessa Ribeiro dos Santos (11ª CRE)

Ilustrações

Rafael Carneiro Monteiro

MULTIRIO

Regina Protasio

Ivan Kasahara

Produção e edição

Andrea Boechat

Gustavo Rocha Fonseca

Revisão

Marcelo Salerno

Núcleo de Artes Gráficas e Animação

Ana Cristina Lemos

Gerência de Artes Gráficas

Aloysio Neves

Projeto Gráfico e Editoração

Cotidianidades

Desafios da inclusão

Incluir: fazer parte de um grupo, uma categoria de pessoas. Lindo, mas no dia a dia... Será que funciona assim?

Elisabete Fernandes de Castro

Deveria ser uma prática natural, mas há muitos entraves – falta de espaço físico (acessibilidade), de recursos materiais, de pessoal de apoio e da estrutura emocional daquele que será a alavanca dessa inclusão: o professor.

Fala-se que o professor é o responsável pelo sucesso dessa inclusão, do respeito às diversidades, mas... Ele está preparado para isso? Tem o suporte necessário? Materiais apropriados? Quando falo isso, me refiro ao aspecto mais amplo, além da estrutura física e de conhecimentos pedagógicos científicos sobre causas e sobre como lidar com deficiências, ao preparo emocional; afinal, não são todos que conseguem lidar, de forma tranquila, com esse trabalho.

Lidar com o deficiente com o devido respeito, sem olhar com pena e não falar a famosa frase: “Coitadinho... Ele não consegue...”. Ou a angústia de não saber como ajudar e intervir no processo de ensino-aprendizagem do mesmo... E a sensação de que, em cer-

to momento, está fazendo por ele em vez de mediar. Sim, a linha entre a mediação e o fazer pelo outro é muito tênue. Não estou dizendo que é fácil, porque não é, porém a verdadeira inclusão requer o olhar no qual o professor é o mediador, para que o aluno alcance os objetivos dentro de suas possibilidades/limitações, e o estimule a ultrapassar esse limite.

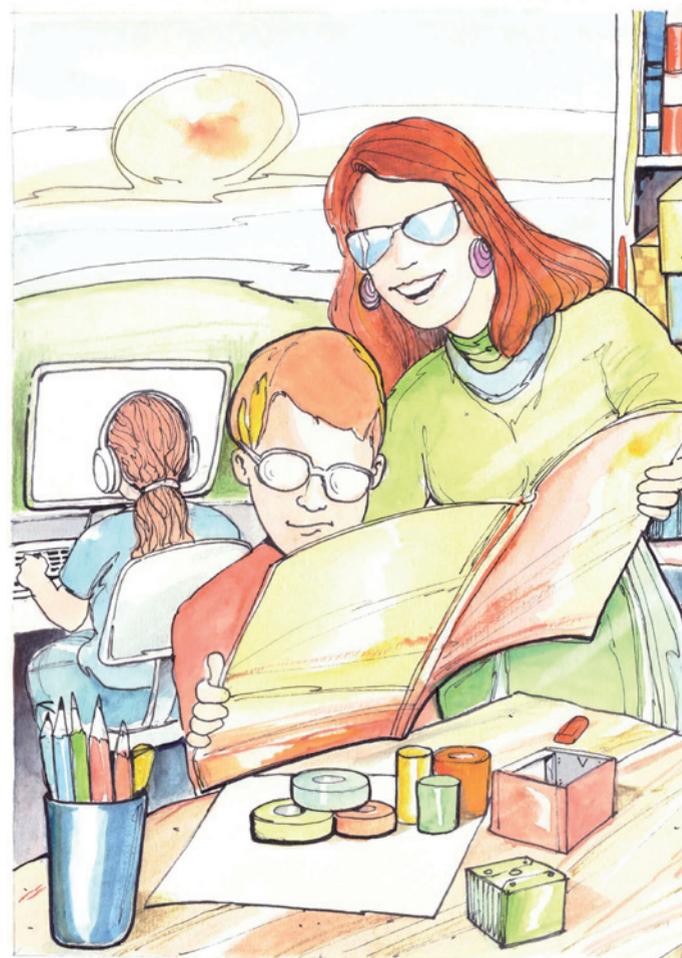
É necessário que se faça uma parada e toda a unidade escolar estude casos similares para, então, dar o ponto de partida e achar o norte do planejamento. Daí a formação continuada desse professor/equipe no espaço escolar ser primordial para que o mesmo se sinta seguro, amparado na busca da melhor forma de estimular seu aluno a superar dificuldades e explorar todo o seu potencial. Então surgem perguntas: até onde ir? Será que estou cobrando demais? O que faço quando ele se recusar a fazer? Como agir com os demais alunos? Como adaptar sem fazer por ele? A elaboração do PEI (famoso

bicho-papão) é a grande aliada do professor para que ele consiga visualizar as reais potencialidades desse aluno e como estimular o desenvolvimento dele. É sua ferramenta de trabalho e ele precisa utilizá-la. É a forma de conhecer o aluno e o que ele necessita.

A formação continuada do professor e da equipe no espaço escolar é primordial

Muitos professores não se sentem à vontade ao lidar com esses alunos; sua estrutura emocional não foi preparada para isso, a maioria de nós não teve colegas com deficiências para agir e interagir com eles. Por isso é tão importante que essa convivência comece o mais cedo possível, para que, na vida adulta, a geração de hoje encare essas diferenças com naturalidade, sem preconceitos.

Incluir dá a oportunidade maravilhosa dessa troca de experiências, onde respeito às dife-



renças, solidariedade e cooperação surgem de forma natural, quebrando barreiras e deixando o preconceito e o olhar de pena para trás. Afinal, não é isso que sonhamos? Um mundo de paz e igualdade, sem preconceitos? Utopia? Não! Basta deixarmos de lado nossos preconceitos (no verdadeiro sentido da palavra: pré-conceito) e nos propormos a aceitar o diferente como natural, até porque nenhum de nós é igual ao outro, po-

demos ser parecidos, mas iguais, nunca! Nossas digitais nos lembram disso o tempo todo...

Porque a vida é a constante superação do que fomos ontem e a invenção do que seremos amanhã, buscando enxergar o que há de melhor em cada um, pois todos somos especiais e únicos.

Elisabete Fernandes Dias de Castro, coordenadora pedagógica da E.E.M. Ação Cristã Vicente Moretti (8ª CRE).

Cotidianidades

Um Brasil Latino-Americano

Projeto desenvolvido no Gente – E.M. André Urani, na Rocinha (2ª CRE) – problematiza a construção da identidade latino-americana, incentiva a solidariedade entre povos e a formação de sociedades soberanas, justas e igualitárias.

Ivonilton de Barros

Construímos a maior parte de nossa história tendo como espelho países da Europa e, mais recentemente, os Estados Unidos. Estivemos sempre de costas para a América Latina. Perdemos oportunidades de partilhar e problematizar um processo histórico em comum de opressões e resistências, numa região marcada pela ancestralidade e genocídio indígena, dominação colonial europeia e escravidão africana.

Com poucas exceções, as sociedades latino-americanas são muito desiguais. Nossas elites jamais tiveram pudor de apoiar interesses imperialistas para promover golpes de Estado, perseguir e eliminar líderes populares e implantar, à força, projetos políticos injustos e antinacionais.

A aproximação do Brasil com os demais países da América Latina é um caminho para nos conhecermos melhor. Quem somos nós, brasileiros? Por que estamos como estamos? O que nos aproxima e o que nos distancia dos argentinos, peruanos, cubanos e mexicanos? De

que forma estamos inseridos no mundo?

Em 2016, a partir de discussões do corpo docente, organizamos o projeto América Latina, com o tema: Nossa América Latina. A ação pedagógica centrou-se na problematização do conceito de América Latina e na questão da identidade latino-americana.

Construímos múltiplos olhares sobre a presença da mulher na América Latina

Em 2017, escolhemos o tema As Mulheres na América Latina. A partir de abordagens interdisciplinares, construímos múltiplos olhares sobre a presença da mulher na América Latina, destacando sua atuação nos âmbitos social, econômico, político e cultural.

Nossos estudantes pesquisaram, discutiram e produziram trabalhos sobre atuação artística e intelectual feminina; desigualdade e opressão comportamental de gênero no trabalho, na po-

lítica e na vida privada; movimentos sociais por direitos; e participação da mulher na política formal e informal. Destacaram-se reflexões sobre Dandara, Tereza de Benguela, Eva Perón, Dilma Rousseff, Maria da Penha, Carolina Maria de Jesus, Tarsila do Amaral, Mercedes Sosa, Violeta Parra, Frida Kahlo, Mães da Praça de Maio e, ainda, sobre a demarcação das reservas indígenas.

Nas artes, o teatro avançou na reflexão, estabelecendo uma rede de conhecimentos interconectados que estimula diálogos sobre a trajetória histórica da América Latina. Dois caminhos dimensionaram as ações cênicas na busca de tornar o estudante sujeito e objeto de suas análises: primeiro, o texto *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, que abordou conflitos das favelas, dos trabalhadores comuns e da greve; segundo, as metodologias do teatro-imagem e teatro-fórum desenvolvidas por Augusto Boal no Teatro do Oprimido, quando centrou-se na elaboração com os alunos de imagens de situações opressoras que ocorrem



Mães, filme produzido pelos alunos do 9º ano da E.M. André Urani: <https://www.youtube.com/atc?v=3GYKI7pP6MY>

em espaços cotidianos, como a casa, o ponto de ônibus e a escola.

Ainda no campo artístico, estudamos músicas da região e formamos um coral, com destaque para *A palo seco*, de Belchior. Realizamos também o filme *Mães*, sobre a experiência de luta das Mães da Praça de Maio, na Argentina, envolvendo os estudantes na produção literária, cênica, musical e historiográfica.

O trabalho culminou com seminários e exposições das pesquisas desenvolvidas, apresentações teatrais, musicais e do filme. Confraternizamos degustando alimentos feitos com milho, base da

culinária de povos originários da região.

O projeto objetivou despertar ensaios e desejos de mudar a realidade, possibilitando que os alunos envolvidos elaborassem noções geográficas e temporais dos processos sociais que constituíram/constituem a América Latina.

Ivonilton de Barros
Fonseca, PI de Ciências;
Rosilane Ribeiro
Maralhas, PI de
Geografia; Sérgio Daniel
Nasser, PI de História;
Sérgio Luiz de Matos, PI
de Matemática; e Wagner
Pinheiro, PI de Artes
Cênicas; todos da E.M.
André Urani (2ª CRE).

Cotidianidades

Professor, coletaram o meu lápis!

Ao ouvir de um aluno uma frase como essa, qualquer professor recém-chegado à Maré deve se perguntar: “Quê? Como? O que você disse?”. Isso é muito mais comum do que pensamos!

Jordan Wallace

Eu me chamo Jordan, sou professor de Inglês 40 horas, lotado no Ciep Operário Vicente Mariano, na Baixa do Sapateiro/Complexo da Maré (4ª CRE). Já leciono nessa fantástica comunidade há dois anos e alguns meses, e ainda me surpreendo a cada dia com a riqueza vocabular utilizada por meus alunos. Trata-se de uma fábrica de neologismos. Nossos alunos os criam e os utilizam em seu dia a dia sem nem mesmo saber que estão, de certa forma, contribuindo para a nossa rica Língua Portuguesa.

De acordo com o dicionário digital Dicio, uma das

Quem sarneia não é heresia!

Pitacos da D. Aurora



definições de neologismo é a ação de atribuir novos significados ou sentidos a palavras que já existem na língua. E na utilização corriqueira dessas palavras e expressões, nossos pupilos acabam, na prática, vivenciando esse surpreendente processo linguístico. Para muitos, pode até soar algo estranho e grotesco, mas, se pararmos para analisar a complexidade e a engenhosidade de nossos alunos em atribuir esses novos sentidos a palavras que utilizamos no nosso cotidiano, devemos considerá-los pequenos gênios da Língua Portuguesa.

E por que não chamá-los de doutores da Língua, já que eles são falantes nativos do português, não daquele português falado em Portugal, por Camões, José Saramago etc., mas do português nascido no Brasil, em bairros humildes, aquele que é utilizado na padaria e no açougue



todos os dias por milhões de brasileiros; aquele que é utilizado nas escolas; aquele português sem pretexto, sem frescura e sem preconceito.

Como já dizia o filósofo Tales de Mileto: “Muitas palavras não indicam necessariamente muita sabedoria”. Não é um português refinado, com muitas palavras e rodeios, que fará com que uma mensagem seja compreendida na íntegra. O importante é falar, se comunicar e ser entendido, assim como fazem nossos alunos. E fazem muito bem.

Palavras e expressões como “heresia”, “coreto”, “coletar”, “dar uma de pão”, “alemão”, “sarneou”, “é muito sarna”, entre tantas outras, fazem parte do vocabulário diário de meus alunos aqui na Maré. Um exemplo bastante interessante é “sarne”, que, para eles, deixou de ser aquela infecção na

pele para significar uma coisa muito legal, descolada: “Isso é sarna, professor”, “É muito sarna”.

Criaram também o verbo sarnear, que significa mandar bem, arrasar, tirar onda. Exemplo: “Sarneou, hein, professor”. Já o coreto, aquela estrutura coberta, que geralmente é encontrada em praças, se transformou em sinônimo de furto: “É o coreto”, “É o bonde do coreto”. Mudaram até o sentido do verbo coletar, que passou a significar furtar: “Professor, coletaram o meu lápis”. O adjetivo pátrio alemão é utilizado para nomear os alunos que moram na comunidade vizinha de Nova Holanda: “Professor, nessa escola está cheio de alemão”. E uma das minhas favoritas é a heresia, que perdeu totalmente seu sentido original e classe gramatical; de substantivo, virou adjetivo: “O Rafael é um heresia mesmo”, “Seu heresia!!!”. Significa “vaci-

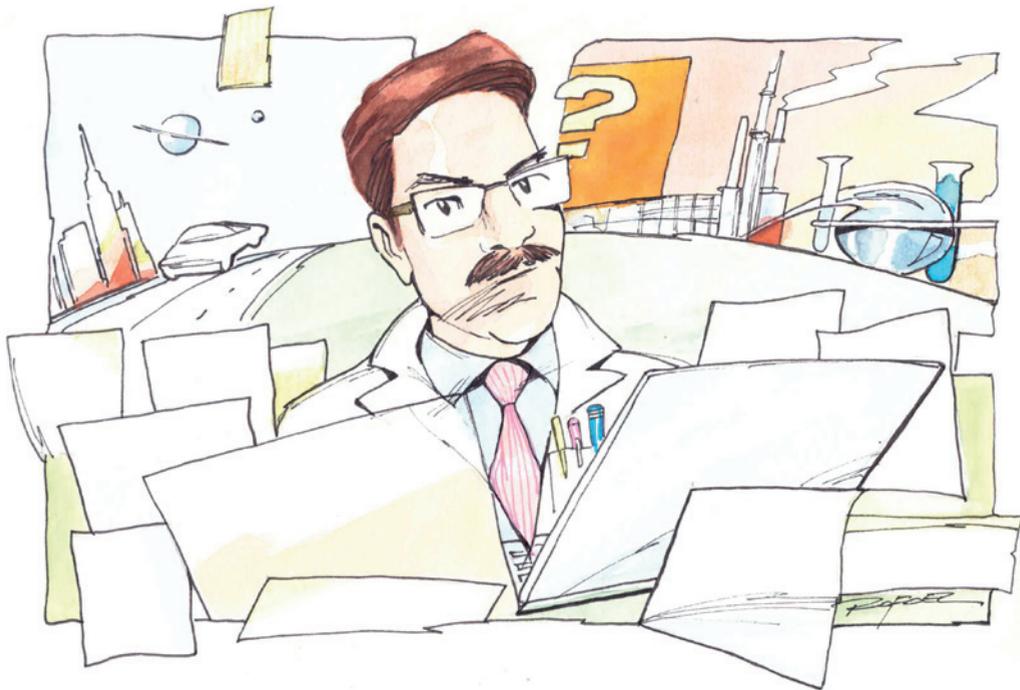
lão”, “aquele que faz tudo errado”. Outra expressão bastante corriqueira também é “dar uma de pão”, ou seja, se fazer de desentendido(a): “Para de ficar dando uma de pão, Gabriela; todo mundo já sabe a verdade!”.

Não me canso de dizer: nossos alunos são nota mil, são originais, criativos e, melhor ainda, sabem ser eles mesmos. Cada dia me surpreendo positivamente e aprendo com eles nessa fantástica fábrica de neologismo. É educando que se aprende. Sem nossos alunos, nossos diálogos e pensamentos não fariam nenhum sentido; seria como falar ao vento, navegar sem rumo, correr sem um objetivo. Um viva aos nossos alunos!

Jordan Wallace, PI de Inglês do Ciep Operário Vicente Mariano (4ª CRE).

Formação de professores

Uma dicotomia frente à realidade brasileira



Sabrina Guedes

O ser humano é, antes de tudo, um sujeito social, que se constrói na coletividade de seus pares e precisa desse diálogo para se reconhecer como participante da história, fazedor de cultura e imerso num ambiente por vezes contraditório, mas rico de significados que o levam a transitar por espaços de lutas e de construção de conhecimento. Assim, pensar em formação permanente de professores no Brasil é recorrer, antes de tudo, a um posicionamento político e à ausência de neutralidade que a postura investigativa e pesquisadora desse profissional precisa ter. É viver uma tensão entre o *status quo* e a utopia do desejo

de transformação, em que a escola tem papel preponderante nessa ruptura, realçando o protagonismo do indivíduo como elemento vivo de um processo democrático.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 promoveu uma série de inovações que modificou a Educação Nacional:

a) a criação de universidades especializadas por campo de saber; **b)** não há a exclusividade do exame vestibular para ingresso no nível superior; **c)** é obrigatório o ensino da Educação Artística no Ensino Básico; **d)** a Religião é disciplina de oferta obrigatória e frequência optativa; **e)** há a possibilidade de se diplomar em cursos regulares pela educação a distância; **f)** as universi-

dades devem ter um terço dos professores com mestrado ou doutorado; **g)** as instituições de Ensino Superior que tenham alto padrão de excelência podem gozar dos benefícios da autonomia universitária; **h)** é criado o Curso Normal Superior e o processo nacional de avaliação das instituições de educação superior; **i)** os currículos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter uma base comum, a ser complementada por uma parte diversificada; **j)** o MEC poderá agir diretamente sobre a regularização de um curso; **l)** estabelece-se a valorização do magistério; **m)** o curso noturno das universidades tem a mesma qualidade do diurno; **n)** o Ensino Fundamen-

tal tem aula de Educação Física; **o)** crianças até 6 anos passam a ser atendidas em creches públicas; **p)** o Ensino Fundamental passa a ter nove anos, com a inclusão das crianças de 6 anos; **q)** o Ensino Supletivo é oferecido gratuitamente pelo poder público; **r)** a carga horária mínima obrigatória passa para 800 horas, com 200 dias letivos.

A educação no século XXI se depara com 70% da população das escolas públicas oriunda das camadas populares. Um em cada dez brasileiros com mais de 15 anos ainda não sabe ler e escrever. Ainda temos mais de 1,8 milhão de jovens de 15 a 17 anos de idade fora da escola. O tempo médio de estudo entre os que têm mais de 10 anos de idade é de 6,9 anos. Ainda é muito pouco se pretendemos alcançar a meta de ter uma população educada com, no mínimo, 11 anos de escolaridade.

Para obter qualidade e eficácia com relação a essa meta, alguns critérios são importantes no sentido de que a educação atue com competência:

- Aumentar a participação pública nos investimentos.

- Elaborar um grande plano de assistência ao magistério.
- Aplicar, intensivamente, a modalidade de ensino a distância na formação e no treinamento de professores e especialistas.
- Determinar às universidades oficiais que promovam gratuitamente a formação de professores em nível superior.
- Criar um fundo de pensão para os professores.
- Ampliar o atendimento aos deficientes e portadores de altas habilidades.
- Ampliar o número de vagas nas escolas públicas.
- Apoiar iniciativas do Sistema Educacional.
- Criar projeto de valorização da Língua Portuguesa e da nossa Literatura.
- Modernizar todo o sistema.
- Fazer da qualidade o projeto nacional de aperfeiçoamento do ensino brasileiro.

Sabrina Guedes,
professora e
coordenadora
pedagógica da E.M.
Josué de Souza
Montello (1ª CRE).

Perfil

Professora Celina

Uma pioneira no direito ao voto feminino

Elisabete Nunes Gonçalves e Magaly Peres

Celina Guimarães Viana: você já ouviu falar? Pouca gente a conhece, mas ela é considerada a primeira mulher com direito a votar na América Latina. Embora outras brasileiras tenham conseguido o direito ao alistamento eleitoral antes dela, suas inscrições ou os votos foram posteriormente invalidados. Celina nasceu em Mossoró, Rio Grande do Norte, em 15 de novembro de 1890, e foi também uma pioneira na área da Educação.

Há séculos as mulheres lutam para serem reconhecidas como cidadãs, e não só no Brasil! Aqui, até bem pouco tempo atrás, não tínhamos direito de votar ou de sermos votadas. A oferta da educação era restrita a um currículo para a vida doméstica e o ensino das crianças. O analfabetismo era maior entre as mulheres brasileiras, mesmo das camadas médias da população. Aquelas com recursos financeiros foram estudar no exterior. Acrescente-se que a abolição da escravatura ocorreu tardiamente e, ainda, enfrentamos um racismo estrutural brutal, refletin-

do na enorme lacuna de representação de mulheres, sobretudo mulheres negras, na política.

No contexto de exclusão do início do século XX, mas também de ebulição social e política na Europa e nos Estados Unidos, as mulheres se organizaram para reivindicar direitos em todas as esferas da vida: família, trabalho, educação, saúde, política, economia e contra a guerra. Esses direitos se condensaram em algumas bandeiras, como o voto feminino. No Brasil, a estratégia das sufragistas era bem variada e misturava ações coletivas, de comunicação e *lobby*, com solicitações individuais pelo direito de voto, por meio do Judiciário. Myrthes de Campos (advogada) e Leolinda Daltro (professora), entre outras, tentaram, mas tiveram seu pleito negado.

Em 1926, a revisão da Constituição brasileira frustrou as expectativas das mulheres. Porém, Juvenal Lamartine, senador do Rio Grande do Norte, defensor da igualdade



de dos direitos cívicos, conseguiu aprovar uma emenda na lei eleitoral do seu estado que garantiu, a partir de 1927, o direito de votar e ser votado a todos que cumprissem as exigências da lei, sem distinção de sexo.

Pioneira também na Educação, Celina se tornou amiga da sufragista Bertha Lutz

Celina não era uma sufragista declarada nem foi a primeira a solicitar o direito de votar. Antes dela, Julia Alves Barbosa, feminista, primeira mulher a ensinar Mate-

mática no Rio Grande do Norte, pleiteou a inclusão de seu nome no alistamento eleitoral, baseada na legislação aprovada. Mas seu pedido foi tardiamente deferido pelo juiz, por ela ser solteira.

Sendo casada – logo, uma “mulher de respeito” –, a solicitação de Celina foi aprovada no mesmo dia, 25 de novembro de 1927, possibilitando seu voto nas eleições de abril de 1928. De fato, como ela mesma contou anos depois, foi seu marido o responsável pela inscrição eleitoral e que, empolgado com a campanha liderada por Bertha Lutz pela participação das mulheres na política brasileira, levou o pleito adiante. Bertha e Celina acabaram se tornando amigas.

Como educadora, Celina, entre outras iniciativas, aboliu a palmatória, muito utilizada naquele tempo, e introduziu o teatro como recurso pedagógico. Autora de textos teatrais, montou figurinos e realizou apresentações na escola. Ela também foi a primeira pessoa a divulgar o futebol em Mossoró. Essa modalidade era pouco conhecida. Celina traduziu do inglês o manual do jogo e, com um apito, ensinava o esporte aos alunos entusiasmados pela novidade.

Toda a sua energia, dedicação à educação e às inovadoras iniciativas pedagógicas renderam à Celina a inclusão de seu nome no Livro de Honra da Instrução Pública do Estado do Rio Grande do Norte.

A educadora teve uma vida longa; faleceu em Belo Horizonte, no dia 11 de julho de 1972.

Elisabete Nunes Gonçalves, PI de Artes Visuais da E.M. Eurico Salles; e Magaly Peres, PI de Espanhol da E.M. Bolívar (ambas 3ª CRE).

Memórias



Márcia Elisa Rendeiro

Uma escola é um não lugar? O antropólogo e etnólogo Marc Augé – no esforço de entender de modo mais complexo a nossa relação com o espaço, com o tempo e com as pessoas – conceitua não lugar como aqueles locais destinados a um trânsito permanente, marcados por deslocamentos impessoais, como os aeroportos, as estações de metrô, as cadeias de hotéis ou redes de supermercado. Em síntese, lugares opostos ao lar, significativamente, de passagem.

Ao entrevistar Isabella do Vale de Souza, segui as pistas da deusa grega Mnemosine, filha de Urano e Gaia, no encaixe dos restos, dos traços de lembranças que mantêm em estado latente uma

imagem, uma identidade da escola pública (muitas vezes real, outras, nem tanto), no município do Rio de Janeiro.

Carioca, na delicadeza de seus 25 anos, ela é farmacêutica, formada pela UFRJ, residente multiprofissional em Neonatologia pelo Ministério da Saúde. Mora em Ponta Grossa, na região dos Campos Gerais do Paraná, mas traz uma intensa história de lugares e escolas. Bella, como é chamada pelos amigos, carrega consigo uma emblemática trajetória que atravessa, aos 6 anos, o Ciep Augusto Pinheiro de Carvalho, em Marechal Hermes; aos 9, a E.M. Carlos de Laet, em Vila Valqueire; aos 10, a E.M. Motorista Paschoal André; e dos 11 aos 14, a E.M. Levy Miranda, as duas últimas na

Mnemosine Isabella

A memória da Rede na voz de uma ex-aluna

Pavuna (as idades são ressaltadas por ela sem muita precisão, mas com a certeza dos limites do tempo da Educação Infantil até o segundo segmento).

Filha da dona Eliane, uma nordestina que de frágil guarda apenas a aparência (vinda da Paraíba aos 14 anos), Isabella reflete um exemplo de determinação, inteligência, sensibilidade e coragem. Não se afigura como modelo nem padrão, daí a graça de entrevistá-la; ela apenas é sem apenas. Uma certeza de que é possível continuidade, um projeto de futuro, um horizonte a mais.

Que tipo de lugar é uma escola e que tipo de memória ela é capaz de produzir?

Há que se deixar claro, contudo, o fato de que a reportagem não pretende explorar a figura da entrevistada como um possí-

vel elogio à meritocracia, um substantivo feminino que não cabe a essa narrativa, discurso pelo qual a entrevistadora, inclusive, não guarda nenhuma admiração. Nesse sentido, o caminho trilhado pela ex-aluna da Rede, em que pese o brilho de suas escolhas, não ofusca e nem diminui os que na mesma idade ainda não se apropriaram de suas vidas e nem consolidaram uma profissão, muitos ainda retidos ou atropelados pelo fantasma das necessidades essenciais e pela sombra da descrença em si mesmos.

Reforço que a razão maior da entrevista reside nas impressões e nos relatos que revelam um olhar (entre muitos) sobre o espaço do ensino público nesta cidade, uma prosa que nos permita se não responder pelo menos tentar: que tipo de lugar é uma escola, na perspectiva de quem passa por ela, considerando o cenário das nossas UEs e a visão de uma criança? E que tipo de memória esse lugar é capaz de produzir

nas pessoas, mesmo depois de uma universidade?

Nossa conversa-entrevista é recheada de áudios de WhatsApp, à prestação, entre recados na rede social e escritos ao longo dos dias. Ao pesquisar imagens para a matéria, encontro uma foto de Isabella com a frase: “Nenhum serviço de saúde a menos”, associada ao logotipo do SUS; ela mesma defensora de políticas públicas, articulada e viajante atenta, do Paraná ao Rio de Janeiro, entre aeroportos, Ponta Grossa e São João de Meriti.

Feito isso, sem muito cuidado cronológico, pergunto sobre a lembrança mais distante – quero que assinale objetos, coisas, presenças figurativas no cenário da primeira escola. Ela descreve o gigantismo do Ciep Augusto Pinheiro, em Marechal Hermes. Com voz de menina, me dá detalhes sobre um prédio enorme, onde custava a chegar, com uma estrutura que assustava e ao mesmo tempo inspirava curiosidade. Bella

fala de comida, da rotina da merenda (essa coisa que parece nunca perder a importância no passar dos anos), de comer com o auxílio da professora e das merendeiras, descrevendo a experiência e o estranhamento na companhia de muita gente.

Sua percepção de criança – pequena diante de corredores e quadras – é recorrente. Estamos falando de 20 anos atrás. Um passado nem tão remoto, mas do qual parecemos tão distantes. Suas lembranças levam à festa junina, uma marca comemorativa que anda esvaziada de sentido em tempos mais recentes, mas que alcança fácil a tecla da memória, sinônimo de cor, alegria, movimento: “Eu lembro que tinha competição de rei e rainha da festa junina [...] que eu competi, que eu estava superempolgada”.

A escola seguinte, E.M. Carlos de Laet, em Vila Valqueire, bairro onde morou por algum tempo, tem outra configuração, muito menor se comparada à primeira. Como criança que se afeiçoa aos espaços, ela reclama de escadas, um elemento novo

a partir de então, mas descreve um lugar delicado, dando conta de estudar com o irmão (ele em outra série), considerando também a existência de um espaço peculiar, cheio de livros (Sala de Leitura?): “Eu menti que estava em recuperação, minha mãe foi lá saber – queria ficar mais tempo na escola, eu queria ler aqueles livros”.

A memória pode mover-se do banal, do simples ao complexo, instalada em detalhes, minúcias aparentemente desimportantes

No fluxo das lembranças, segue para as escolas da Pavuna: “Quando fui estudar na Motorista Paschoal André, na 4ª série, morava em São João, [...] eu atravessava a Rio do Pau, porque ônibus era muito contramão, tinha que pegar sei lá quantos, nem tinha ônibus que

chegasse lá, era só kombi” (não creio que no presente as coisas estejam tão diferentes); “Eu andava de São Mateus até lá. Lembro também de umas paredes que abriam e fechavam, eu achava engraçado, você podia conectar uma sala a outra, as professoras preparavam a gente para a próxima escola”.

A 5ª série, na E.M. Levy Miranda, é marcada por muitas mudanças (há 15 anos, a 5ª série equivalia ao início do segundo segmento do Ensino Fundamental, divididos ainda em séries e não em anos de escolaridade). Bella descreve novamente o susto, a ruptura com o segmento anterior, muita gente no pátio, muitas turmas: “A 5ª série foi um momento muito difícil, tive muitos problemas com a minha família, faltava muito, fiquei em recuperação em Matemática por causa das faltas [...] mas aí eu conheci minha amiga Tainá, minha amiga até hoje, há 15 anos” (as recordações do segundo segmento revelam a entrada na adolescência e as janelas possíveis de outras leituras); “Eu me lembro, de novo, de es-

tranhar a quantidade de gente, muitos professores, professores homens; eu só tinha tido professora, lembro das aulas de Artes, de participar de oficinas de Música. Nunca imaginei que pudesse tocar um instrumento, como a flauta, por exemplo, uma alegria”.

Bella se refere aos professores o tempo todo, cita nomes, recorda as aulas preparatórias que recebeu (uma iniciativa extraclasse) dentro da própria escola, para que ela e outros alunos interessados pudessem tentar um concurso. Assim, chegou à Federal de Química e, mais adiante, à UFRJ. Pergunto à Bella a razão do curso de Farmácia; ela destaca o papel do ensino técnico nessa opção, mas que desde as aulas de Ciências já havia despertado para a questão da saúde, a causa, e o caminho traçado agora.

Em suas memórias, no passar dos anos, algo que também contribui para colorir o real, vê-se novamente o contorno e a amplitude do que se conhece por Ensino Fundamental – base, referências e horizontes, letramento e leitura do mundo.

Estamos em 2018, outras representações e cenários se configuram na atualidade. Assim, não há como negar os efeitos e a permanência de lembranças ruins no que se refere, por exemplo, à crueldade do *bullying* ou aos episódios de violência dentro e fora das unidades escolares – marcas identitárias que, muitas vezes, embaçam a visão de outros traços, comprometendo a alegria de outras

Bellas, como se apenas nos coubesse sobreviver. Vivemos tempos de memória traumática, expostos a mortes e embates que marcam para toda a vida – é vero.

Além disso, outros alunos e ex-alunos certamente dimensionam a escola com recordações individuais, na singularidade do percurso de cada estudante. Assim como nós, professores (inseridos em diferentes lugares), deitamos a vista em outros objetos, mergulhados em outras rotinas e abastecidos de outras percepções. Contudo, lanço mão das lembranças de Bella como evidência de que a memória pode mover-se do banal, do simples ao complexo, instalada em detalhes, minúcias aparentemente desimportantes, como paredes, escadas, portas, festas, merenda, no olhar do pequeno para o grande (ou inversamente falando), da grande pretensão formadora de cidadania às miudezas do cotidiano.

Pistas de que as escolas da Rede, ainda que se mostrem como um lugar de passagem, no papel de mediadoras entre o sujeito e o conhecimento, na condição (pelo menos em tese) de potências transformadoras, possam também alçar à ideia de um lugar, de fato e de direito, com características próprias, menos impessoal e indiferente que os não lugares das grandes metrópoles.

Márcia Elisa Rendeiro,
PI de História e elemento
da GED (6ª CRE).



Isabella (a última da esquerda para a direita) nos tempos de escola

Opinião



Vamos falar de preconceito linguístico?

Edson Ferreira Soares

Diante da complexidade cultural presente nas escolas de todo o país, fruto da diversidade étnico-racial que caracteriza o povo brasileiro, urge discutirmos toda e qualquer forma de discriminação inerente às variedades de fala, comportamento, pensamento e tradições no espaço escolar. Assim

sendo, adotar uma atitude preconceituosa em razão das diferenças individuais e/ou coletivas configura-se como mais um ato de violência ao discente, sintoma de uma patologia social que se espalha, cada vez mais, no âmbito das instituições de ensino nos dias de hoje.

Mas, antes de qualquer discussão, o que é preconceito? Segundo o *Di-*

cionário Houaiss, o termo pode ser definido como: “Qualquer opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico; ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado a priori, sem maior conhecimento, ponderação ou razão”.

Partindo desse princípio, podemos conceber o preconceito linguístico,

objeto da nossa reflexão, como uma forma de intolerância ao modo de falar do outro, por ser diferente, típico e caracterizar, na maioria das vezes, o perfil do sujeito historicamente discriminado pela sociedade, como retirantes nordestinos e imigrantes. Em suma, concordamos com o linguista Sírio Possenti, quando diz: “No fundo, o preconceito linguístico é um preconceito social. É uma discriminação sem fundamento que atinge falantes inferiorizados por alguma razão e por algum fato histórico” (2011).

Dessa forma, nos ambientes educativos em que prevalece a distinção social em razão do modo de ser e de falar dos educandos, há o comprometimento do seu propósito como instituição promotora da inclusão e da formação de cidadãos críticos, tendo em vista que vai de encontro à proposta humanizadora e integradora que tem a escola.

Segundo a professora Maria Teresa Esteban, em seu brilhante ensaio *O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar* (Petrópolis, Editora De Petrus, 2013): “O sucesso escolar se articula com a capacidade do processo pedagógico para permitir e estimular que a palavra se apresente em sua variedade de significados, com seus múltiplos acen-

tos, e que a diversidade seja elemento de indagação sobre as relações sociais que geram a desigualdade de significados e de valores. Seu potencial está na possibilidade de a aprendizagem escolar contribuir para que professores, professoras, alunos e alunas se reconheçam como sujeitos que utilizam a língua e simultaneamente atuam no sentido de construí-la, se construindo nessa interação”.

Discriminar em razão das diferenças individuais e/ou coletivas configura-se como mais um ato de violência ao discente

Em suma, gostaríamos de reiterar a importância da discussão acerca do “assédio linguístico”, meio pelo qual o aluno/discente/educando é discriminado e sofre no espaço escolar, nem sempre reagindo, porém, como a qualquer outra forma de violência ou

Pega a visão e não me aperreie!

Pitacos da D. Aurora



Não podemos esquecer que a mesma escola que formou os profissionais que atuam hoje em sala de aula foi fundamentada numa perspectiva curricular excludente e preconceituosa

constrangimento físico. Afinal, como diz a pesquisadora Sandra Scherre, "(...) todo mundo tem o direito de se expressar, sem constrangimento, na forma em que é senhor, que tem fluência, em que é capaz de expressar seus sentimentos, de persuadir, de manifestar seus conhecimentos".

Nesse sentido, o preconceito linguístico deve ser visto como um ato desumano, pois tira da pessoa o seu direito de expressar-se livremente,

colocando-a em uma posição desfavorável e, inúmeras vezes, expondo-a a situações vexatórias. O educador, nesse contexto, precisa atentar para o fato de que, desde o nascimento, o indivíduo possui formas internalizadas de linguagem, nas quais aprende a se comunicar por meio da interação, da fala, levando consigo características próprias dessa interação iniciada no seio familiar.

Infelizmente, o que ocorre é a subjugação e a exclusão da classe social

que não segue as regras impostas pela classe dominante da variante padrão da língua, não tendo espaço para exigir seus direitos de forma contundente, visto que não é respeitada nem sequer ouvida. Precisamos, como educadores, entender que a língua tem como objetivo fundamental a comunicação e a interação dos indivíduos, e as escolas têm por obrigação respeitar acima de tudo a individualidade de cada um deles, ensinando-os que existem diferenças entre os discursos em vários momentos de suas vidas, que sua fala não é ilegítima ou menos qualificada que qualquer outra.

No tocante à resolução desse impasse, é imprescindível a implementação de políticas de formação continuada dos professores, objetivando oferecer suporte à ação

pedagógica no intuito de combater o preconceito linguístico, contribuindo para práticas pedagógicas mais inclusivas, voltadas para garantir a permanência do aluno na escola, a igualdade de oportunidades e o reconhecimento da diversidade cultural expressada (também) pela fala.

Reconhecemos, portanto, a importância sociopolítica de uma legislação que possa criminalizar o preconceito linguístico, mas também valorizamos as práticas micropolíticas cotidianas que acontecem no interior da escola, capazes de desnaturalizá-lo. Todavia, não podemos esquecer que a mesma escola que formou os profissionais que atuam hoje em sala de aula foi fundamentada numa perspectiva curricular excludente e preconceituosa.

A formação continuada é mais do que uma exigência nas atividades profissionais do mundo atual, não podendo ser reduzida a uma ação compensatória de fragilidades da formação inicial. O conhecimento adquirido na formação inicial se reelabora e se especifica na atividade profissional para atender à mobilidade, à complexidade e à diversidade existente na escola.

Nesse sentido, acreditamos que não bastarão leis se não houver transformação de mentalidades e práticas. Somente dessa forma encontraremos uma solução para acabar de vez com o preconceito, em suas mais variadas expressões e contextos.

Edson Ferreira Soares,
secretário escolar na E.M.
Machado de Assis
(1ª CRE).

Prata da casa

Haikais

árvores, sol, céu
amarelo, verde, azul
cadê o branco?

cidade cruel
crianças esqueléticas
morrem na lama

cidade cruel?
crianças esqueléticas
brincam na lama



água da chuva
barquinhos de papel
infância

Aldravias

letras	olhos
leituras	lábios
livros	cerrados
criando	boca
crianças	amarga
crestem	revolta

Catharina Harriet Baptista, professora da Rede, atualmente assessora de Articulação Pedagógica da MultiRio.

Opinião

A alfabetização e desafio de uma prática com textos

Leticia Cruz

Minha experiência com formação de professores leva-me, continuamente, a ouvir dúvidas relacionadas a como iniciar um trabalho de alfabetização com textos no 1º ano do Ensino Fundamental, tendo nas turmas crianças que ainda não conhecem, com segurança, letras e palavras. E, ainda, como e em que momento se deve ensinar a relação fonema-grafema e a “sistematização da língua” a elas. Diante das concepções e dos conceitos de alfabetização postos no campo, tais questionamentos me impulsionam a refletir sobre a alfabetização com textos, compreendendo que essa perspectiva privilegia o discurso e que é pela linguagem que a comunicação se dá.

Compreender a alfabetização pelo viés do discurso (Smolka, 2008) requer como ponto de partida o entendimento de que a própria linguagem não está presa a um sistema de regras fixas sobre a língua. Não quero dizer, com isso, que é necessário negligenciar a

existência das regras em relação à aprendizagem da língua, mas, sim, que essas regras necessitam estar à disposição de uso das crianças e que esse uso só se efetivará a partir da necessidade de escrever.

É no encontro com os desafios postos ao escrever que cada criança irá elaborar suas dúvidas e convicções sobre a língua

Segundo Bakhtin (2003), o texto, seja ele oral ou escrito, representa uma realidade imediata, “são pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos”. O texto como enunciado, segundo ele, é determinado por dois elementos, “a ideia (intenção) e a realização dessa intenção”. Nessa perspectiva, os exercícios de repetição, imitação e cópia não são a priorida-



de no processo nem garantem qualquer tipo de recuperação diante das dificuldades em relação à aquisição da leitura e da escrita. A prioridade está em propiciar um contexto no qual as crianças tenham novas descobertas, o que demanda professores leitores, escritores, pesquisadores e bons informantes. Isso implica encarar as crianças e sua aprendizagem de forma singular, proporcionando-lhes experiências, com propostas pedagógicas que contemplem as singularidades de suas

necessidades em relação à leitura e à escrita.

É no encontro com os desafios postos ao escrever que cada criança irá elaborar suas dúvidas e convicções sobre a língua, quais letras usar para determinado som, onde separar as palavras, como organizar a escrita no papel, escrever mais ou menos, corrigir ou não, dizer de outra forma, tentando solucionar as questões ortográficas a fim de contemplar as unidades linguísticas. O trabalho do professor

junta-se a esse movimento com a responsabilidade do conhecimento sobre esse processo, tendo mais compromisso com a necessidade das crianças de dizer do que com a necessidade própria de conseguir oferecer um “conteúdo a ser transmitido”. É a partir da importância e do valor do dizer que a criança será instigada a estabelecer a relação com a língua e seus usos.

Leticia Cruz, assistente da GED (9ª CRE).

Opinião

Educação Física Escolar: o corpo, o movimento e as competências socioemocionais

Marion Costa da Silva

Autoconhecimento, autocontrole, consciência social, tomada de decisão responsável e domínio das habilidades sociais são características importantes para o indivíduo ao longo da vida? Claro que sim! As habilidades socioemocionais são essenciais para a convivência e para o desenvolvimento de projetos de vida, seja no contexto pessoal, escolar ou profissional.

Nesse cenário, a Educação Física Escolar se apresenta como um excelente componente curricular, pois tem um papel diferenciado no desenvolvimento integral dos alunos – motor, intelectual, social e afetivo. Nas aulas, as práticas corporais são trabalhadas como fenômeno cultural e de forma diversificada, ofertadas para enriquecer a experiência de crianças, jovens e adultos. Para além da vivência, as práticas cor-

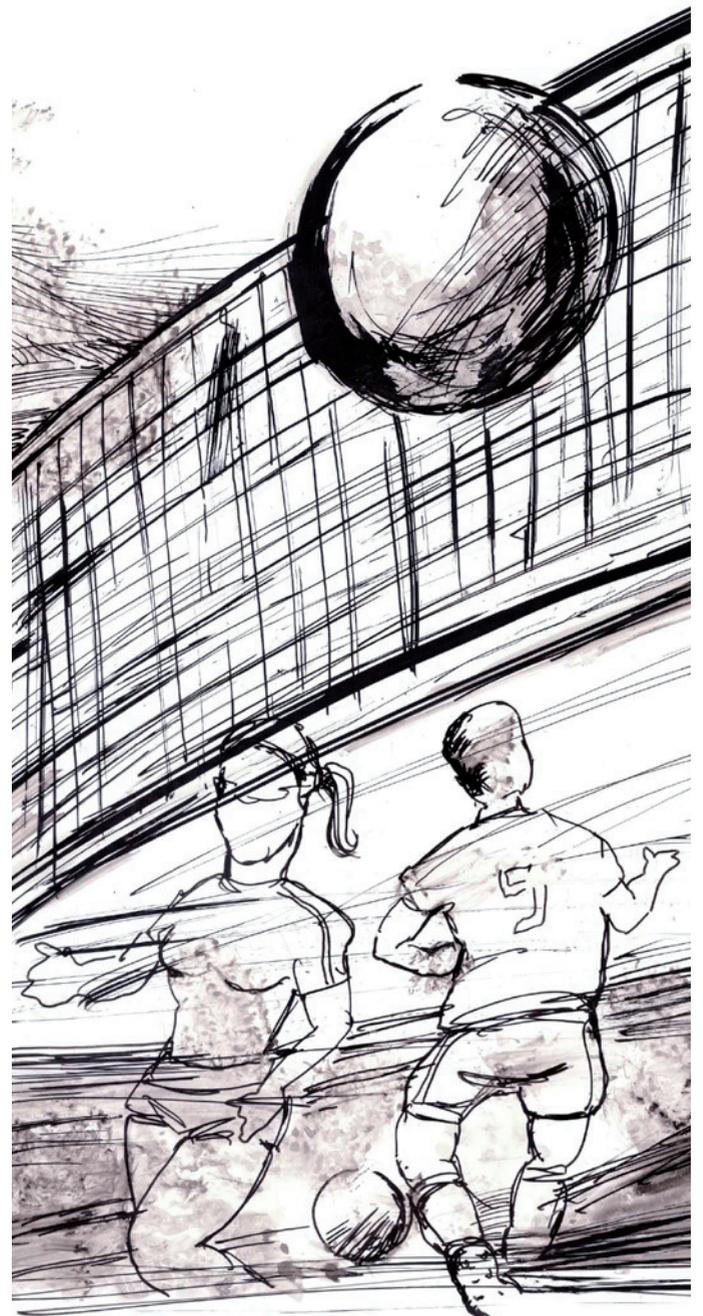
porais oportunizam aos alunos participar de forma autônoma, porque não se restringem a simples exercícios de certas habilidades corporais, mas à possibilidade de exercê-las com autonomia, de maneira social e culturalmente significativa.

Estudos evidenciam que as competências emocionais otimizam a formação integral

Ao brincar, dançar, jogar, praticar esportes, ginástica ou atividades de aventura, com ludicidade, todos se apropriam de conceitos e competências (regras, códigos, sistemas de funcionamento, organização, táticas etc.) que privilegiam as seguintes dimensões do conhecimento: experimentação, uso, apropri-

ação e fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo.

Considerando esses pressupostos, as competências gerais da BNCC e as Orientações Curriculares da SME propõem o desenvolvimento, nas aulas de Educação Física Escolar, das competências socioemocionais, com o propósito de melhorar as atitudes e otimizar habilidades para controlar emoções, alcançar objetivos, demonstrar empatia, manter relações sociais positivas. E, ainda, tomar decisões de maneira responsável dentro das experiências com brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, almejando, assim, a melhora do desempenho escolar por meio da valorização do trabalho coletivo e do protagonismo estudantil.



Estudos evidenciam que as competências emocionais otimizam a formação integral, em que não cabe mais apenas a transmissão de conteúdos (competências cognitivas), e sim um aprendizado completo, que ressignifique a Educação, por meio da mudança cultural. Não se trata de separar a cognição da emoção, mas trabalhar de forma transversal, flexível e coerente, sempre buscando a contextualização dos conteúdos e estimulando o interesse dos alunos, utilizando

trabalhos com projetos, pesquisas e desenvolvimento das competências socioemocionais nas disciplinas tradicionais, como exemplificado com a Educação Física e nas atividades específicas.

São práticas pedagógicas inovadoras em que o professor será o mediador e o aluno, protagonista do aprendizado.

Marion Costa da Silva, professora de Educação Física da E.E.M. Ação Cristã Vicente Moretti (8ª CRE).

Cultura

Atemporais e imperdíveis



Márcia Elisa Rendeiro e Márcio da Fonseca

Entre nós, professores, o gosto pelo cinema é lugar comum. Como em todos os casos – em que pesam mais o olhar e a sensibilidade de cada um –, há paladares mais exigentes e espaços para todos os gostos: de carros que voam e homens que escalam prédios

em teias até intrigas revolucionárias e filmes sobre crianças, criados especialmente para acabar com os nossos estoques de lenços de papel. Contudo, chama a nossa atenção o fato de que (ao contrário de outras culturas), cá entre nós mostramo-nos mais interessados em lançamentos do que em possíveis releituras. Esse parêntese é para dizer que livro

bom, filme bom e música boa podem ser lidos, vistos e ouvidos mais de uma vez.

A experiência da retina não tem remake (ou tem?) e os pelos do braço indicam que a gente precisa ver e rever para apreender. Entretenimento e tratamento da fruição, sensibilidade que revisita o tempo – por que não? Por isso, reunimos algumas dicas atemporais e imperdíveis. Aproveite.

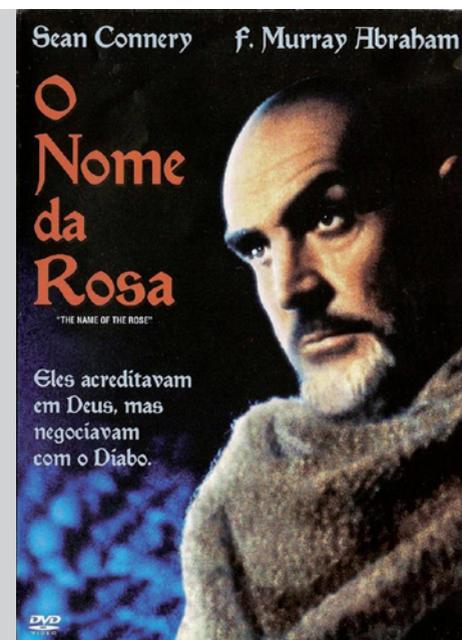


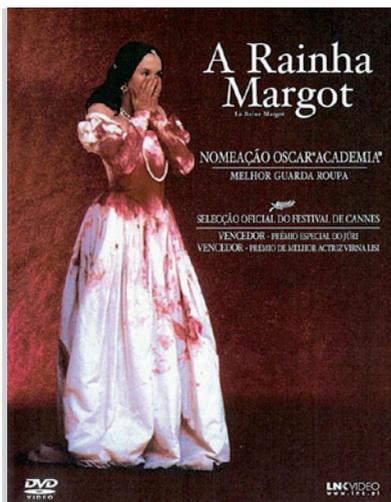
O anjo azul (Josef Von Sternberg, ALE, 1930) – Retrata a perversidade do universo masculino. O professor Immanuel Rath (Emil Jannings) mantém uma rotina de disciplina e autoritarismo entre os jovens de sua classe na Alemanha, durante a República de Weimar. A derrocada de Rath começa depois de se apaixonar por Lola (Marlene Dietrich), dançarina de um cabaré. A paixão o leva, muito mais velho que a bela Lola, a diversas humilhações: perda do emprego, trabalho no cabaré etc. Seus antigos alunos

descobrem a nova vida do antigo mestre e tripudiam ainda mais de sua triste figura. O filme foi proibido na Alemanha nazista, um pouco mais tarde. Talvez por expor os limites do autoritarismo, ou talvez por expor sua falta de limites. Recomendo a todos os docentes, especialmente os do sexo masculino, em início de carreira, para que reflitam um pouco sobre a questão do autoritarismo em sala e a necessária separação entre a vida pessoal e a profissional.

O nome da rosa (Jean-Jacques Annaud, EUA, 1986) – Muito já se falou desse filme: da atuação de Sean Connery, da excelente adaptação de um clássico da literatura, do esmero da equipe de historiadores que participou da produção – intelectuais do nível de um Jacques Le Goff... Porém, há algo que é muito importante para nós, professores, e que precisamos mais uma vez destacar: o vínculo entre Guilherme de Baskerville (Sean Connery) e seu discípulo Adso de Melk (Christian Slater). Há entre os dois

uma relação humana intensa; eles são mestre e discípulo, mas também companheiros em uma jornada de conhecimento da sociedade em que vivem. Guilherme desconfia, desde o início, de tudo o que ocorre no antigo mosteiro, mas investiga com o seu pupilo, decifrando, juntos, todas as pistas que vão sendo deixadas. Tornam-se não apenas mestre e aprendiz; tornam-se conhecedores e críticos da sociedade monástica. Conseguem uma experiência de aprendizagem relevante, a despeito do fim trágico.



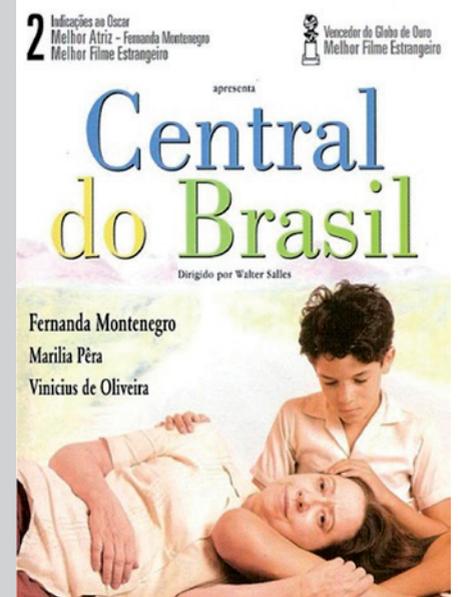


A rainha Margot (Patrice Chéreau, ALÉ-FRA-ITA, 1994) – Inspirado também em um clássico de Alexandre Dumas, o pai, o filme expõe a situação da monarquia francesa em uma de suas épocas mais obscuras: a da Reforma Protestante e da sanguinária Noite de São Bartolomeu. Os personagens são escandalosamente reais. As barbaridades co-

metidas deixam qualquer espectador com um nó na garganta, ou talvez na alma. As vísceras do poder estão escancaradas para qualquer um nessa obra-prima do cinema, especialmente para nós, professores, que somos vítimas, mas também reprodutores de estruturas de poder tão ou mais perversas que essas do Antigo Regime.

Central do Brasil (Walter Salles, BRA-FRA, 1998) – Um dos melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Acompanhar a trajetória do menino Josué (Vinicius de Oliveira) é, entre tantos aspectos, conhecer um pouco da dura realidade dos jovens brasileiros. Para nós, professores, remete à vida de muitos de nossos alunos, com trajetórias semelhantes ou até mais sofridas do que a da personagem em questão. Evidente que o filme é muito

mais que isso; tem a Dora, interpretada por Fernanda Montenegro, merecedora do mais alto reconhecimento possível do cinema mundial, ainda que não tenha sido laureada pela indústria norte-americana. Tem a estação de trem Central do Brasil, que possui um nome perfeito, pois faz analogia ao coração da nação, local em que existem milhões de artérias com maravilhosas histórias para serem contadas e encantarem todo o mundo.

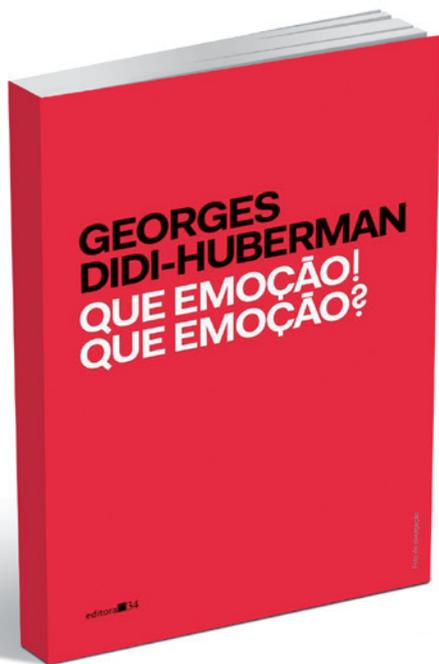


Relatos selvagens (Damián Szifron, ARG, 2014) – Nossos hermanos têm demonstrado um especial talento para grandes roteiros e narrativas originais. *Relatos selvagens* reúne seis histórias de vingança, construídas no limite da barbárie, vividas por personagens sem controle, no curso de situações cotidianas em que a razão esbarra na loucura. Registra-

se uma garçonete com a oportunidade de se vingar de um homem que arruinou a sua família; um grupo de passageiros de um avião que não estão juntos por acaso; um engenheiro transtornado pela burocracia; um pai que tenta livrar o filho da cadeia; uma noiva que descobre ter sido traída no dia do casamento; e uma briga entre dois motoristas numa estrada – episódio que reflete a insanidade do trânsito levada às últimas consequências. Tratado como comédia, *Relatos* horroriza, angustia, produz um riso nervoso, aguça a nossa percepção de convivência e a necessidade de refletir sobre os diferentes tipos de violência.



Pequena Miss Sunshine (J. Dayton e Valerie Faris, EUA, 2006) – É um daqueles filmes independentes que surpreendem pelo alcance dentro da simplicidade, transformando-se em um clássico, com o passar do tempo. A menina Olive embarca junto da família para uma viagem, com a finalidade de participar de um concurso de beleza infantil. À luz de quem olha e repara, a pequena miss é o elo entre pessoas com visíveis dificuldades emocionais: um pai obcecado pela ideia de sucesso; um irmão em pacto de silêncio; um avô viciado; uma mãe desorientada e um tio que tentou o suicídio. A composição do grupo discute a solidão dos indivíduos contraposta à força embutida no conceito de família. Muito mais do que um papo-cabeça, uma obra de puro encantamento, atemporal e imperdível também.



Que emoção! Que emoção?

A razão e a emoção que podem inspirar as práticas docentes

Rosane Tesch

Que emoção! Que emoção?, livro do filósofo, historiador, crítico de arte e professor francês Georges Didi-Huberman (Editora 34, 74 p., Coleção Fábula), traduzido por Cecília Cisca-to, transcreve uma breve conferência pronunciada para jovens e adultos em 13 de abril de 2013. Lançando a pergunta “O que são as emoções?”, o autor nos convida a experimentar novos olhares,

novas redes de relações, de conhecimentos e práticas que permitem desconstruir algumas ideias de pensadores ocidentais cuja noção de ciência busca separar mente e corpo, razão e emoção.

O livro inicia-se com várias frases e a imagem de uma criança chorando. O conferencista diz ao público: “[...] todos nós choramos. Nascemos chorando. Ninguém se lembra, mas que emoção deve ser, uma enorme emoção essa de nas-

cer, de vir ao mundo”. A imagem da criança foi extraída do livro de Charles Darwin, biólogo e teórico da evolução das espécies animais, que a utilizou para ilustrar o livro *A expressão das emoções no homem e nos animais*, com o objetivo de demonstrar que o choro é um ato primitivo. Sobre a ação de utilizar a criança como parte de um experimento, Didi-Huberman diz: “A criança talvez esteja chorando justamente por não estar livre”.

O filósofo da imagem e das emoções busca, ao longo do texto, dizer: *Que emoção!* é o que recai sobre nós sem aviso, é a emoção de outra pessoa (como a criança que chora), é o gesto de se espantar diante de algo, de alguém, de uma experiência, da intensidade de uma experiência. *Que emoção?* é a reflexão sobre o que podemos fazer com essa emoção!, que não pode separar-se daquela.

Outros autores, artistas, filósofos e professores

são trazidos, juntamente com imagens, para pensar com as emoções e como as percebemos até os dias de hoje. A parte final do livro traz as perguntas do público e as respostas do autor, que, mais do que explicações, dá voz e ouvidos às questões propostas.

Rosane Tesch,
diretora da C.M. Elza
Machado dos Santos
(2ª CRE).

